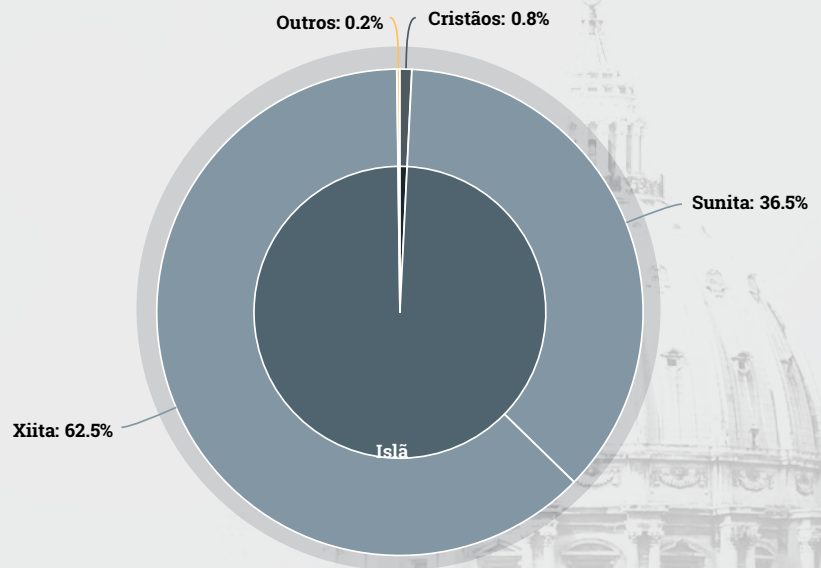
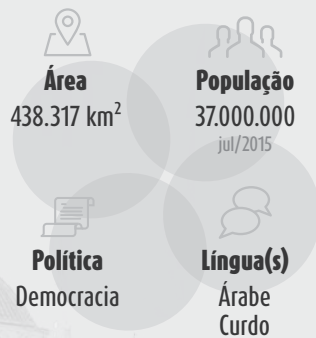


Iraque



O Iraque foi estabelecido pelo Governo britânico em 1921 após o colapso do Império Otomano. Sendo multirreligioso e multiétnico na sua composição, o país teve dificuldade em encontrar consenso nacional. A partir de 1979, Saddam Hussein governou como ditador. Saddam pertencia à minoria sunita num país maioritariamente xiita. Contudo, enquanto seguidor da ideologia secular baathista, Saddam não governou com fundamentos religiosos. Independentemente disso, favoreceu a comunidade sunita e oprimiu a maioria xiita por razões políticas. Após a remoção de Saddam pela invasão liderada pelos Estados Unidos em 2003, o conflito sectário no país explodiu. Milícias sunitas e xiitas combatiam umas com as outras e cometeram atrocidades horríveis. Mais de 100 mil sunitas e xiitas foram mortos por bombardeios, dispositivos explosivos improvisados e execuções extrajudiciais nos meses e anos que se seguiram à queda do regime de Saddam Hussein.^[1] As minorias não muçulmanas, como os cristãos e os yazidis, foram atacadas por jihadistas sunitas. Estes ataques e a atmosfera geral de violência no país desencadearam um êxodo cristão. De acordo com as estimativas mais recentes, cerca de 66% dos cristãos do Iraque abandonaram o país após 2003. Enquanto antes de 2003 viviam no Iraque entre 800 mil a 1,2 milhões de cristãos, hoje em dia apenas permanecem cerca de 250 mil a 400 mil. A maioria dos cristãos no Iraque são católicos que pertencem a diferentes ritos, incluindo as Igrejas Católicas Caldeia e Siríaca. As comunidades yazidi e mandeísta também foram dizimadas ao longo dos últimos dois anos. Em 2013, os yazidis relataram que desde 2005 a sua população diminuiu em quase 200 mil para aproximadamente 500 mil. A comunidade mandeísta foi

reduzida em 90% para poucos milhares.^[2] Hoje em dia, o país está dividido pelas linhas étnicas e religiosas. A presença do grupo autodenominado Estado Islâmico (EI), que estabeleceu um autoproclamado califado no final de junho de 2014, tendo ocupado a cidade de Mossul no início de junho de 2014 e tendo tomado partes da planície de Nínive durante o verão desse ano, é também resultado do conflito sectário e da alienação da população sunita durante o Governo do primeiro-ministro Nouri Al Maliki, um xiita. Uma coligação internacional, liderada pelos norte-americanos, pelo exército iraquiano e pelas milícias populares, estavam combatendo o EI. Desde 2014, o EI sofreu perdas territoriais consideráveis como resultado da intervenção aérea da coligação liderada pelos EUA e pelas forças armadas iraquianas. Mas ainda mantém ganhos territoriais substanciais e está longe de ter sido totalmente destruído. Áreas densamente povoadas por cristãos, como por exemplo a planície de Nínive – em tempos a região mais diversificada do Iraque, com a percentagem mais elevada de não muçulmanos –, ainda estão sob o controle do EI. Mais de 120 mil cristãos estão ainda deslocados. Contudo, a falta de confiança entre os principais grupos étnicos e religiosos, como por exemplo xiitas, sunitas e curdos, produz um impasse na política interna iraquiana e frustra os esforços para combater o EI eficazmente.

[1] <https://www.ushmm.org/m/pdfs/Iraq-Bearing-Witness-Report-111215.pdf>

[2] <http://www.uscirf.gov/sites/default/files/Iraq%202015.pdf>

DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

De acordo com o artigo 2º da Constituição adotada em 2005, “o Islamismo é a religião oficial do Estado e uma fonte fundamental de legislação.”^[3] “Nenhuma lei pode ser promulgada se contradisser as disposições do Islamismo estabelecidas. Nenhuma lei pode ser promulgada se contradisser os princípios da democracia. Nenhuma lei pode ser promulgada se contradisser os direitos e liberdades básicos estipulados nesta Constituição.” O mesmo artigo diz que “a Constituição garante a identidade islâmica da maioria do povo Iraquiano e garante a totalidade dos direitos religiosos à liberdade religiosa, de crença e de prática para todos os indivíduos, como por exemplo cristãos, yazidis e sabeus mandeístas”. O artigo 4º afirma que “o direito dos Iraquianos a educarem os seus filhos na sua língua-mãe, como por exemplo o turcomano, o siríaco e o armênio, será garantido nas instituições educativas governamentais, de acordo com as diretrizes educativas, ou em qualquer outra língua nas instituições educativas privadas”. O artigo 7º declara que “qualquer entidade ou programa que adote, incite, torne possível, glorifique, promova ou justifique o racismo, ou o terrorismo ou acusações de ser um infiel (*takfir*) será proibido e não fará parte do pluralismo político do Iraque. O artigo 10º afirma que “os santuários sagrados e os lugares religiosos no Iraque são entidades religiosas e civilizacionais. O Estado compromete-se a assegurar e manter a sua santidade e a garantir a prática livre dos rituais nesses lugares.” De acordo com o artigo 14º, “os Iraquianos são iguais perante a lei, sem discriminação baseada no sexo, raça, etnia, nacionalidade, origem, cor, religião, seita, crença ou opinião, ou estatuto econômico ou social.” O artigo 37º diz que “o Estado deverá garantir a proteção do indivíduo em relação à coerção intelectual, política e religiosa”. O artigo 41º afirma: “Os Iraquianos são livres no seu compromisso para com o seu estatuto pessoal, de acordo com as suas religiões, seitas, crenças ou escolhas, e isto será regulamentado pela lei.” O artigo 42º declara: “Cada indivíduo terá liberdade de pensamento, consciência e crença.” O artigo 43º regulamenta que “os seguidores de todas as religiões e seitas são livres na prática de ritos religiosos, incluindo os rituais Husseini, na gestão das doações religiosas (*waqf*), dos seus assuntos e das suas instituições religiosas, e isto será regulamentado pela lei.” O mesmo artigo diz ainda que “o Estado deve garantir a liberdade de culto e a proteção dos locais de culto”.

As leis e regulamentações do estatuto pessoal impedem a conversão dos muçulmanos a outras religiões.^[4]

O artigo 372º do Código Penal iraquiano de 1969 prevêem que qualquer pessoa que insulte o credo de uma seita religiosa ou as suas práticas, ou que insulte em público um símbolo

ou pessoa que seja objeto de santificação, culto ou reverência para uma seita religiosa, pode ser punida com um termo de prisão que não excederá três anos, ou uma multa que não excederá 300 dinares iraquianos (aproximadamente 0,22 €).^[5]

Dos 328 lugares no Conselho dos Representantes, a lei reserva oito lugares para membros dos grupos minoritários: cinco para candidatos cristãos de Bagdá, Nínive, Kirkuk, Erbil e Dahuk; um para um yazidi; um para um sabeu mandeísta; e um para um shabak.^[6]

INCIDENTES

Em junho de 2014, o EI tomou controle de Mossul, a segunda maior cidade do Iraque, majoritariamente sunita. O exército iraquiano fugiu. As minorias religiosas da cidade no norte caíram sob o controle dos jihadistas. Estes cedo começaram a discriminar os cristãos, por exemplo por não distribuírem alimentos ou água também a eles. Começaram também a marcar as casas cristãs e xiitas com sinais que indicavam a sua filiação religiosa.^[7]

Em junho de 2014, dentro e em volta de Samarra, uma cidade predominantemente sunita, foi relatado que mais de 170 homens jovens majoritariamente sunitas foram raptados. Dezenas foram mais tarde encontrados mortos e os restantes permanecem desaparecidos. Num único dia, sexta-feira, 6 de junho, mais de trinta pessoas foram raptadas de casa ou de perto de casa, mortas a tiro e os seus corpos abandonados nas proximidades. Milícias xiitas no Iraque, apoiadas e armadas pelo Governo do Iraque, raptaram e mataram dezenas de civis sunitas e gozaram de total impunidade por estes crimes.^[8]

Em 10 de junho de 2014, homens armados do EI executaram sistematicamente cerca de 600 presos do sexo masculino da prisão no exterior da cidade de Mossul, no norte do Iraque, segundo relatos de sobreviventes. A vasta maioria dos que foram mortos era xiita. Depois de tomarem a prisão de Badoush perto de Mossul, os atiradores do EI separaram os presos sunitas dos xiitas, forçaram os xiitas a ajoelharem-se ao longo de um barranco próximo e dispararam sobre eles com espingardas e armas automáticas.^[9]

Em julho de 2014, cristãos fugiram de Mossul depois do EI ter ameaçado matá-los se não se convertessem ao Islã ou pagassem uma “taxa de proteção”. Uma declaração emitida por um grupo islamita foi lida nas mesquitas da cidade. Apelava aos Cristãos para que cumprissem ou enfrentassem a morte, caso

[3] http://www.iraqinationality.gov.iq/attach/iraqi_constitution.pdf

[4] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>

[5] <http://www.loc.gov/law/help/apostasy/#iran>

[6] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>

[7] <http://www.acnuk.org/news.php/497/iraq-mosul-bishop-says-we-have-never-seen-anything-like->

[8] <https://www.amnesty.org.uk/press-releases/iraq-government-backed-shia-militias-abducting-and-killing-sunnis-anti-isis-revenge>

[9] <https://www.hrw.org/news/2014/10/30/iraq-isis-executed-hundreds-prison-inmates>

não abandonassem a cidade. O ultimato citava um contrato histórico conhecido como “dhimma”, segundo o qual aos não muçulmanos em sociedades islâmicas que se recusassem a converter-se era oferecida proteção caso pagassem uma taxa, conhecida como “jizya”. “Damos três possibilidades: Islã; o contrato da *dhimma* que envolve o pagamento da *jizya*; se recusarem, não vão ter mais nada a não ser a espada”, dizia a declaração do EI.^[10] No final de julho, cerca de 3.000 cristãos tinham abandonado a cidade.^[11]

No início de agosto de 2014 (de 6 para 7), o EI atacou aldeias cristãs na planície de Nínive, incluindo Qaraqosh, a maior cidade de maioria cristã do Iraque. Após a inesperada retirada de combatentes curdos *peshmerga*, as aldeias foram deixadas sem proteção. Mais de 120 mil cristãos tiveram que fugir em circunstâncias dramáticas, a maior parte deles para áreas controladas pelo Governo regional curdo.^[12]

O ataque do EI em agosto de 2014 à vila majoritariamente yazidi de Sinjar, na planície de Nínive, levou ao massacre de yazidis, de cristãos assírios, de xiitas e outros, e à destruição de lugares religiosos que existiam há séculos. Segundo a ONU, 200 mil civis, majoritariamente yazidis, fugiram da vila de Sinjar para a montanha, que as forças do EI cercaram. Homens, mulheres e crianças ficaram retidos no monte Sinjar, sem possibilidade de sair e com pouco acesso a alimentos, água ou abrigo, exceto algumas pontes aéreas limitadas disponibilizadas por forças iraquianas e curdas *peshmerga*. Dezenas de pessoas morreram de fome e desidratação. Milhares de mulheres e meninas yazidi, incluindo algumas que não tinham atingido a puberdade, foram raptadas, violentadas, vendidas como escravas sexuais ou mortas. Os curdos *peshmerga*, com o apoio de ataques aéreos norte-americanos, conseguiram finalmente quebrar o cerco do EI ao monte Sinjar em dezembro de 2014. As forças *peshmerga* relataram ter encontrado valas comuns na área.^[13] Militantes do EI mataram pelo menos 500 membros da minoria étnica yazidi do Iraque durante a sua ofensiva no norte, disse o ministro dos Direitos Humanos do Iraque, Mohammed Shia al-Sudani. Acrescentou que os militantes sunitas também tinham queimado vivas as suas vítimas, incluindo mulheres e crianças.^[14]

Em setembro, milícias, combatentes voluntários e forças de segurança iraquianas envolveram-se na destruição deliberada de bens civis sunitas, depois destas forças, na sequência de ataques aéreos norte-americanos e iraquianos, terem forçado a retirada de combatentes do EI da vila de Amerli e da área circundante.^[15]

Em outubro de 2014, o Arcebispo católico caldeu Bashar Warda acusou o Governo do Iraque de ser culpado por não ajudar os cristãos desesperados que fugiam das milícias do EI. Dom Warda disse que o Governo nacional do Iraque em Bagdá “não [fez] nada, absolutamente nada” pelos 120 mil cristãos que procuravam refúgio longe das áreas aterrorizadas pelos extremistas. Numa entrevista à ACN (Ajuda à Igreja que Sofre), o Arcebispo Warda disse: “A realidade é que os cristãos não receberam qualquer apoio do Governo central. Eles não fizeram nada por eles, absolutamente nada.”^[16]

Em novembro de 2014, os líderes dos cristãos do Iraque apelaram à “maioria moderada de muçulmanos” para que condenasse os ataques a cristãos e a outras minorias religiosas pelo EI. O Patriarca Louis Raphael I Sako, chefe da Igreja Católica Caldeia, expressou preocupação pelo fato dos líderes muçulmanos não terem falado com força suficiente contra os ataques levados a cabo “em nome da religião islâmica” que atingiram cristãos, yazidis, muçulmanos xiitas e outros.^[17]

Em novembro de 2014, combatentes do EI fizeram explodir uma parte do Convento da Vitória, que pertencia às Irmãs Caldeias do Sagrado Coração, no subúrbio de Alaraby em Mossul. O complexo, que se localiza em frente ao Mosteiro de São Jorge, ficou muito danificado.^[18]

Em janeiro de 2015, testemunhas disseram que as forças iraquianas viram milícias xiitas executar setenta e dois sunitas. Os relatos de cinco testemunhas entrevistadas em separado pela *Reuters* dão uma imagem de alegadas execuções na aldeia de Barwanah a leste do país, e residentes e funcionários informaram que foram mortos pelo menos setenta e dois iraquianos desarmados. As testemunhas identificaram os assassinos como sendo um conjunto de milícias xiitas e elementos das forças de segurança. Responsáveis governamentais e das forças de segurança iraquianas contestaram os relatos. Alguns disseram que jihadistas radicais do EI poderiam ter cometido os assassinatos.^[19]

Em março de 2015, militantes do EI destruíram partes do antigo mosteiro cristão de Mar Benham, que data do século IV. Os islamitas tomaram primeiro o mosteiro, que se localiza perto da vila de Beth Khdeda, 32 km a sudeste de Mossul, pouco depois de lançarem a sua insurgência ao longo do norte do Iraque em 2014.^[20]

Em maio de 2015, milícias do EI mataram centenas de presos yazidi. O massacre ocorreu no distrito de Tal Afar, a oeste

[10] <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-28381455>

[11] http://www.fides.org/en/news/36136-ASIA_IRAQ_Last_exodus_from_Mosul_nearly_three_thousand_Christians#.V09Fk3wCM8

[12] <http://www.acn-aed-ca.org/iraq-iraqi-bishops-thank-aid-to-the-church-in-need-for-building-schools-for-refugee-children/>

[13] <http://www.uscirf.gov/sites/default/files/Iraq%202015.pdf>

[14] <http://www.reuters.com/article/us-iraq-security-yazidis-killings-idUSKBN0GA0FF20140810>

[15] <https://www.hrw.org/news/2015/03/18/iraq-militia-attacks-destroy-villages-displace-thousands>

[16] <http://www.acnuk.org/news.php/524/iraq-bishop-says-quotour-people-have-been-abandonedquot>

[17] <http://www.acnuk.org/news.php/534/iraq-christian-leader-says-muslims-must-condemn-isis>

[18] <http://www.asianews.it/news-en/Mosul%3A-video-shows-Islamic-state-blowing-about-Sacred-Heart-convent-32795.html>

[19] <http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-iraq-killings-idUSKBNOL20FD20150129>

[20] <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/isis-militants-blow-up-ancient-4th-century-christian-mar-behnam-monastery-in-iraq-10123238.html>

de Mossul. O gabinete de imprensa do Partido do Progresso Yazidi relatou que “pelo menos 300 presos” foram executados em 1 de maio. Bagdá afirmou que o número de vítimas “rondava os 200”. Ao comentar as notícias, o vice-presidente iraquiano Osama al-Nujaifi considerou que este era um ato “horrível e bárbaro”.^[21]

Em julho de 2015, quatro cristãos foram raptados em Bagdá. Para dois deles, o rapto acabou em morte, apesar de terem sido pagos os seus resgates. Numa declaração, o Patriarca Caldeu denunciou a deterioração da segurança e apelou a que o Governo proteja as pessoas e os seus bens.^[22]

Em outubro de 2015, foi relatado que cada vez mais refugiados cristãos obrigados a abandonar as suas vilas e aldeias por milícias terroristas do EI estavam abandonando o Iraque, tendo perdido toda a esperança de poderem regressar a casa. Ao falar à ACN, o Arcebispo Bashar Warda disse que, embora a situação humanitária dos cristãos deslocados no Iraque tenha melhorado, a comunidade continuava diminuindo drasticamente. O Arcebispo Warda disse: “No ano passado, tínhamos 13.500 famílias cristãs refugiadas registradas na nossa arquidiocese. Agora apenas há cerca de 10 mil, o que significa que mais de 3.500 famílias deixaram o Iraque.”^[23]

Em novembro de 2015, a comunidade cristã se opôs a uma nova lei que forçava as crianças das religiões minoritárias a se tornarem muçulmanas se o seu pai se convertesse ao Islamismo ou se a sua mãe casasse com um muçulmano. Numa declaração enviada à ACN, o Patriarca Caldeu Louis Raphael I Sako descreveu a nova lei como “inaceitável”. O responsável da Igreja Caldeia escreveu: “O voto dos representantes dos Iraquianos, que foi concretizado em 27 de outubro de 2015, a favor da Carta Nacional, tem gerado grande ressentimento entre os cristãos e outras minorias não muçulmanas.” Ele obriga as crianças abaixo dos 18 anos a abraçarem automaticamente o Islamismo, mesmo que apenas um familiar decida converter-se ao Islamismo (artigo 26.2). diversas minorias religiosas, incluindo cristãos yazidis, mandeístas e bahá'ís, tentaram sem sucesso alterar a proposta para que o texto refira o seguinte: “Os menores vão manter a sua atual religião até completarem 18 anos e então terão direito a escolher a sua religião.” Após a aprovação da lei, os parlamentares das religiões minoritárias abandonaram a câmara em protesto. Diz-se que a lei, que faz parte da nova legislação do documento nacional de identificação, está em conflito com partes da atual Constituição iraquiana.^[24] Mais tarde, a lei foi revista quando o Parlamento iraquiano aceitou as objeções dos cristãos e de outras minorias. O Patriarca Louis Raphael I Sako disse: “Estou profundamente satisfeito com a decisão do Parlamento iraquiano de fazer a alteração” do controverso

artigo 26º da Constituição sobre a islamização das crianças. “Esta decisão mostra apoio e é uma mensagem importante para as minorias [cristãs] no Iraque. E é também uma demonstração clara da democracia.”^[25]

Em dezembro de 2015, novos ataques foram lançados contra os cristãos e as celebrações de Natal no norte do Iraque pelo EI e por outros grupos extremistas. Foi relatado que militantes do EI em Mossul colocaram sinais na cidade a ordenar os muçulmanos a “não celebrarem” o Natal com os cristãos fosse de que maneira fosse, porque “eles são hereges”. Em Kirkuk, grupos de extremistas islamitas invadiram dois cemitérios cristãos, profanando e destruindo vários túmulos.^[26]

Em janeiro de 2016, foi relatado que o mais antigo mosteiro cristão do Iraque tinha sido destruído pela milícia terrorista EI. O Padre Dankha Issa, um monge iraquiano pertencente à Ordem Antoniana de S. Ormuzda dos Caldeus, disse à ACN: “O Mosteiro de S. Elias em Mossul era um símbolo da presença cristã no Iraque. O fato de ter sido destruído é terrível.” Na quarta-feira, 20 de janeiro, a agência de notícias norte-americana *Associated Press* (AP) anunciou que o EI tinha deitado o Mosteiro de S. Elias por terra. Uma análise de imagens de satélite do local, realizada em nome da AP, sugeria que o mosteiro tinha sido destruído entre agosto e setembro de 2014.^[27]

Em janeiro de 2016, uma Missão de Assistência da ONU ao Iraque e o gabinete de direitos humanos da ONU calcularam que 3.500 pessoas estão “atualmente detidas como escravas” pelo EI. “Os que estão detidos são predominantemente mulheres e crianças e têm origem sobretudo na comunidade yazidi”, disse o relatório conjunto publicado em Genebra.^[28]

Também em janeiro de 2016, legisladores e ministros iraquianos sunitas decidiram boicotar as sessões do Parlamento e do Governo para protestar contra a violência que ataca a sua comunidade numa vila a leste de Bagdá. Os bombardeios contra os xiitas na vila de Muqadiyah, em 11 de janeiro, que foram reivindicados pelo EI, desencadearam ataques de retaliação à comunidade sunita, matando pelo menos vinte e três pessoas e ferindo cinquenta e uma numa dupla explosão que tinha por alvo uma área frequentada por combatentes de milícias xiitas.^[29]

Em fevereiro de 2016, o EI decapitou um rapaz muçulmano de 15 anos por ouvir música pop ocidental e matou a tiro dois outros por faltarem às orações de sexta-feira, no âmbito de uma repressão mais ampla em Mossul.^[30]

[21] <http://www.asianews.it/news-en/Yazidi%E2%80%99s-confirm-massacre-of-%E2%80%9Cleast-300-people%E2%80%9D-by-Islamic-State-34140.html>

[22] <http://www.asianews.it/news-en/Baghdad%2C-Christians-kidnapped-and-killed.-Chaldean-Patriarchate-asks-for-protection-and-security-34760.html>

[23] <http://www.acnuk.org/news.php/602/iraq-iraqi-refugees-losing-all-hope-of-returning-home>

[24] <http://www.acnuk.org/news.php/605/iraq-new-iraq-law-to-force-christian-children-to-embrace-islam#sthash.DOyFRtM.dpuf>

[25] <http://www.asianews.it/news-en/Patriarch-of-Baghdad-welcomes-amendments-to-Law-on-Islamization-of-children-35908.html>

[26] <http://www.asianews.it/news-en/Islamic-State-brand-Christmas-festivities-heretical.-In-Kirkuk-two-Christian-cemeteries-desecrated-36237.html>

[27] <http://www.acnuk.org/news.php/622/iraq-grief-over-destruction-of-historic-monastery>

[28] <http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-iraq-un-idUSKCN0UX0ZD>

[29] <http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-iraq-violence-idUSKCN0UW2DA>

[30] <http://www.asianews.it/news-en/Mosul%3A-Islamic-State-beheads-15-year-old-boy-for-listening-to-%E2%80%9CWestern-music-36737.html>

Em fevereiro de 2016, o primeiro-ministro iraquiano Al Abadi disse que o Governo iraquiano não discrimina os seus cidadãos com base na sua filiação religiosa. Disse também que o Governo considera os Cristãos como uma “parte genuína” da identidade nacional e que vai fazer tudo o que é possível para prevenir a sua emigração.^[31]

Em março de 2016, o chefe de Estado iraquiano, presidente Fouad Masum, disse que os cristãos são “membros originais” do Iraque, como é evidenciado pelos antigos mosteiros dispersos por todo o país. Disse que os grupos jihadistas, como o EI, também atacaram populações muçulmanas, como evidenciado pelas vítimas muçulmanas, incluindo sunitas, e pelas mesquitas do Califado Islâmico destruídas em Mossul.^[32]

Em março de 2016, o EI divulgou um pequeno vídeo que revelava livros cristãos sendo queimados em Mossul. As imagens mostram um jihadista militante atirando livros e dossiês com crucifixos na capa no fogo.^[33]

Em abril de 2016, o Patriarca Caldeu anunciou a criação de um comitê ad hoc para monitorar as vendas e transferências de propriedade, casas e terrenos, pertencentes aos cidadãos cristãos em Bagdá. O Patriarca Caldeu Louis Raphael I Sako denunciou a apropriação abusiva de propriedades cristãs, que aumentou em flecha depois da intervenção militar liderada pelos Estados Unidos em 2003. Segundo o Patriarca, este fenômeno, que é possível graças à cumplicidade de funcionários corruptos, é um fator adicional que enfraquece a presença cristã no Iraque.^[34] Antes, várias centenas de sírios cristãos, caldeus e assírios, da região de Nahla, na província de Dohuk, norte do Iraque, organizaram uma manifestação de protesto em frente ao Parlamento da Região Autônoma do Curdistão Iraquiano, para protestarem contra a desapropriação ilegal das suas casas nos últimos anos às mãos de influentes personalidades curdas. Estes casos foram muitas vezes denunciados a um tribunal competente, mas até agora sem sucesso.^[35]

Em abril de 2016, a igreja de rito latino no centro de Mossul, historicamente gerida pelos Padres Dominicanos e conhecida como “Igreja da Virgem Miraculosa” ou “Igreja do Relógio”, foi destruída por explosões. O Patriarca Caldeu atribuiu o ato sacrílego de vandalismo ao EI.^[36]

[31] http://www.fides.org/en/news/59454-ASIA_IRAQ_Iraqi_Premier_the_government_does_not_make_discrimination_based_on_religion#.V07-Np3wCM8

[32] http://www.fides.org/en/news/59603-ASIA_IRAQ_Iraqi_President_Christians_are_original_members_of_our_nation_And_the_jihadis_also_attack_Muslims#.V079i53wCM8

[33] http://www.fides.org/en/news/59630-ASIA_IRAQ_Burning_of_Christian_books_in_Mosul#.V079NZ3wCM8

[34] http://www.fides.org/en/news/59834-ASIA_IRAQ_The_Chaldean_Church_establishes_a_committee_to_monitor_the_changes_of_Christian_property_ownership#.V078IJ3wCM8

[35] http://www.fides.org/en/news/59823-ASIA_IRAQ_Christians_in_the_Nineveh_Plain_demonstrate_in_Erbil_Kurdish_fixers_have_expropriated_our_lands#.V078mp3wCM8

[36] http://www.fides.org/en/news/59892-ASIA_IRAQ_The_Clock_Church_destroyed_in_central_Mosul#.V077pp3wCM8

Em maio de 2016, o Patriarca Caldeu disse que Mossul já não tinha nenhuma família cristã e que os relatos de pagamentos de taxas islâmicas eram um falso rumor. Alguns relatos alegam que algumas famílias cristãs ainda vivem sob o domínio do califado, pagando a *jizya*. A Igreja do Iraque alega que os únicos cristãos que existem na cidade estão encarcerados ou debilitados.^[37]

Em maio de 2016, ataques com tiros e bombas reivindicados pelo EI mataram pelo menos dezesseis pessoas na vila predominantemente muçulmana xiita de Balad, a norte de Bagdá. Três homens armados abriram fogo com metralhadoras sobre um café, perto da meia-noite. Houve pelo menos doze mortos e vinte e cinco feridos.^[38]

Em maio de 2016, uma ofensiva de cerca de 150 jihadistas do EI atacou Telskuf, na planície de Nínive. A ação militar durou algumas horas. As milícias curdas *peshmerga*, apoiadas por ataques aéreos da coligação internacional anti-jihadista liderada pelos Estados Unidos, tomaram o controle da cidade deserta mais tarde nesse mesmo dia.^[39]

Em maio de 2016, foi relatado que diversos cristãos deslocados assírios, caldeus e sírios, que se refugiaram na cidade de Dohuk depois das suas aldeias serem conquistadas pelos jihadistas do EI, foram forçados a assinar uma petição de apoio à proclamação de um estado curdo independente no Curdistão iraquiano.^[40]

Em maio de 2016, líderes cristãos, muçulmanos, yazidis e sa-beus participaram numa oração promovida pelo Patriarca Caldeu. O líder xiita Ali Al-Yacoubi agradeceu “aos nossos irmãos cristãos” pelo seu trabalho. Apesar de “terem sofrido muito”, eles ainda promovem a “unidade”. Al-Yacoubi apelou a uma resposta conjunta “contra qualquer feito ou ato de terrorismo”.^[41]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

Há já alguns anos que a situação da liberdade religiosa no Iraque tem sido uma das piores do mundo. Durante o período deste relatório, ela entrou em ainda maior declínio. A razão para isso é o avanço do EI. A milícia sunita cometeu graves atrocidades contra a liberdade religiosa de cristãos,

[in_central_Mosul#.V077pp3wCM8](http://www.fides.org/en/news/59892-ASIA_IRAQ_The_Clock_Church_destroyed_in_central_Mosul#.V077pp3wCM8)

[37] <http://www.asianews.it/news-en/For-Chaldean-Patriarchate%2C-no-Christian-families-are-left-in-Mosul%2C-tax-payment-a-false-rumour-37467.html>

[38] <http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-iraq-violence-idUSKCN0Y40FM>

[39] http://www.fides.org/en/news/59956-ASIA_IRAQ_The_Peshmerga_and_the_coalition_raid_reject_the_jihadists_outside_the_village_of_Telskuf#.V077EJ3wCM8

[40] http://www.fides.org/en/news/60018-ASIA_IRAQ_Iraqi_Christian_refugees_are_forced_to_sign_a_document_to_support_the_independence_of_Iraqi_Kurdistan#.V076bp3wCM8

[41] <http://www.asianews.it/news-en/Shia-leader-thanks-Iraqi-Christians-37645.html>

yazidis, shabaks e outros grupos, em especial xiitas. Há relatos de execuções em massa, de violações sistemáticas, de raptos, de escravidão, especialmente de mulheres, de roubos e de destruição de lugares religiosos como igrejas e mesquitas. Os Estados Unidos e outros países declararam os atos do EI contra cristãos, yazidis e outros grupos como atos de genocídio. Os sunitas que não concordam com a ideologia extrema do grupo são também atacados. Os grupos religiosos minoritários, como por exemplo os cristãos, que tiveram que fugir do EI no verão de 2014, ainda estão esperando regressar. Entretanto, muitos fugiram do país para países da região, como a Jordânia ou o Líbano, ou para o ocidente. Centenas de milhares de sunitas fugiram de áreas controladas ou atacadas pelo EI por causa dos combates ou da ideologia do grupo e transformaram-se em deslocados internos.

Embora o Governo iraquiano em geral respeite a liberdade de culto de cristãos, yazidis e outros, as minorias não são bem protegidas nas áreas controladas pelo Governo iraquiano. Os raptos e outros ataques continuam ocorrendo e muitas vezes não são punidos.

Os sunitas também sofrem de violência por parte de milícias xiitas apoiadas pelo Governo, crimes que uma vez mais passam frequentemente sem serem punidos. Os xiitas são atacados por militantes sunitas nas áreas controladas pelo Governo. O primeiro-ministro Haider Al Abadi tentou ultrapassar a política sectária do seu antecessor aproximando-se de sunitas e curdos. Mas até a data pelo menos o seu sucesso tem sido muito limitado.

A situação de segurança em geral está muito melhor na região norte controlada pelo Governo Regional do Curdistão (KRG) semiautônomo. Muitos cristãos fugiram de Bagdá durante o pico do conflito sectário entre sunitas e xiitas após 2004. Depois de Mossul e a planície de Nínive terem caído às mãos do EI, mais de 120 mil cristãos fugiram da região. Alguns cristãos queixam-se de serem pressionados por responsáveis do KRG para apoiarem os seus objetivos políticos. As disputas de terras entre curdos e cristãos continuam sendo um problema.

Em geral, a liberdade religiosa no Iraque sofre de um profundo conflito sectário que não parece provável que seja resolvido em breve.